
Da *Trempe*¹ ao *Chibi*²: Experiência Antropológica na Comunidade Cigana do Rancho de Baixo em Sousa-PB³

Alessandra Clementino dos SANTOS⁴

Mateus Bezerra ARAÚJO⁵

Fábio Ronaldo da SILVA⁶

Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, PB

RESUMO

O presente artigo consiste no relato de uma experiência etnográfica realizada na comunidade cigana conhecida como Rancho de Baixo, localizada na cidade de Sousa, Paraíba. Através de entrevistas e registros fotográficos, buscamos compreender um pouco da identidade cigana, suas tradições, relações sociais, religiosas e de gênero, além de perceber quais são os estereótipos comumente impostos ao povo cigano. Para a discussão da identidade cigana adotamos Moonen (2011); Nascimento e Garcia Júnior (2017, no prelo) e; Siqueira (2012). A visita *in loco* nos permitiu conhecer de forma aprofundada a realidade da comunidade do Rancho de Baixo, entendendo as especificidades de um grupo que vem, aos poucos, perdendo sua própria identidade e cultura.

PALAVRAS-CHAVE: Comunidade Cigana; Jornalismo Etnográfico; Cultura

INTRODUÇÃO

O local de origem do povo cigano ainda é coberto de mistérios, no entanto, alguns especialistas acreditam que eles surgiram na Índia, já que o idioma falado pelos ciganos apresenta semelhanças com várias línguas do subcontinente indiano. Hoje, calcula-se que existam de dois a cinco milhões de ciganos ao redor do mundo, concentrados principalmente na Europa Central em países como as Repúblicas Checa e Eslovaca, Hungria, Iugoslávia, Bulgária e Romênia. Durante suas andanças eles influenciaram a cultura de várias regiões. Um bom exemplo vem da Espanha, onde a

¹ Do calon, “cozinhar no chão”.

² Do calon, “Linguagem”.

³ Trabalho apresentado na IJ06 – Interfaces Comunicacionais do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 5 a 7 de julho de 2018.

⁴ Estudante de Graduação 6º semestre do Curso de Jornalismo da UEPB, e-mail: ale.clementino.santos@gmail.com

⁵ Estudante de Graduação 6º semestre do Curso de Jornalismo da UEPB, e-mail: araujomateus091@gmail.com

⁶ Orientador, professor Doutor do Curso de Jornalismo da UEPB e de Publicidade e Propaganda da CESREI, e-mail: fabioocg@gmail.com

tradição da música e da dança ciganas deu origem ao flamenco.

Os dados numéricos são incertos, mas o material teórico pesquisado para a produção do artigo é unânime ao dizer que a cidade de Sousa⁷ abriga hoje a maior comunidade cigana da América Latina. Na cidade do alto sertão paraibano, no bairro Jardim Sorrilândia, do outro lado da BR 230, os ciganos se dividem entre o Rancho de Cima e o de Baixo (loco da nossa pesquisa), além de um setor de moradia mista que se localiza entre os dois, a Várzea das Almas, onde coabitam ciganos e não ciganos.

A comunidade cigana de Sousa é pertencente ao grupo Calon, ou seja, descende de ciganos portugueses que, em séculos passados, foram deportados ou migraram voluntariamente para o Brasil. Os sobrenomes mais comuns encontrados entre eles são: Pereira, Ferreira, Lopes, Costa, Carvalho, Torquato, Figueiredo e Alves, prova mais do que suficiente de sua origem portuguesa. Uma origem que, por sinal, a grande maioria desconhece.

Uma vez que a pesquisa comunicacional não pode se estruturar apenas e tão somente em reflexões teóricas, utilizamos como base o método da Etnografia como descrito por Geertz (1989) e Silva (2013) lançando mão das técnicas da Entrevista, da Observação e do Registro de Imagens (fotografia). Nosso intuito foi compreender um pouco da identidade cigana da comunidade conhecida como Rancho de Baixo da cidade de Sousa-PB, suas tradições, relações sociais, religiosas e de gênero, além de perceber quais são os estereótipos comumente impostos ao cigano pela população sousense.

PERCURSO METODOLÓGICO

A prática etnográfica, segundo Geertz (1989) refere-se ao estabelecimento de relações, seleção de informantes, transcrição de textos, levantamento de genealogias, mapeamento de campos e assim por diante. Esse formato de se fazer e de se pensar a comunicação e o jornalismo ganha muito espaço em nossa contemporaneidade, pois propõe uma forma de pensar e produzir as reportagens jornalísticas que considera um ou

⁷ Importante município do estado da Paraíba, localizado no alto sertão, distante 438 quilômetros a oeste de João Pessoa, capital estadual, cuja população estimada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística em 2016, é de 69.196 habitantes.

vários aspectos sociais e culturais de um povo ou grupo social. A pesquisa etnográfica permite o aprofundamento de conhecimentos através do contato com um grupo de pessoas, observando suas relações e interações sociais e com o meio onde vivem. Para visar o melhor proveito da experiência antropológica, é importante que o pesquisador tenha cuidado com as generalizações e, ao mesmo tempo, com o exagero no fortalecimento de uma determinada ideia.

Barros e Junqueira (2006) dizem que aquilo que os seres humanos percebem ao observar o mundo é *produto* de uma operação muito complexa, na qual estão envolvidos o sujeito observador, o objeto observado, os esquemas interpretativos utilizados pelo observador e o contexto em que tal observação se dá e adquire ou encontra sentido. Isso sem falar que, no caso das ciências sociais (no interior das quais a comunicação se inclui), os objetos observados não são jamais uma coisa inerte, sem vontade própria. Eles podem interagir com o observador e, inclusive, reagir às suas interpretações, pois são sujeitos dotados de capacidade auto-reflexiva e fornecem, eles mesmos, interpretações acerca de suas situações. E ainda mais: não se pode esquecer que a própria presença do observador em determinado cenário já produz alterações no panorama observado e que o olhar do observador enseja mudanças no objeto observado e vice-versa.

De acordo com Geertz (1989), essa postura em relação ao trabalho realizado pelo antropólogo apresenta a perspectiva de que os relatos, os diários e as anotações de toda ordem feitas pelo pesquisador estão impregnados de impressões e de nuances que ultrapassam a mera descrição de cenas. Não se trata de fazer um relato frio e descritivo de situações observadas em campo, mas de interpretar os significados dos gestos e comportamentos, elevando-os à condição de categoria cultural. Na busca de conseguir atingir um nível qualificado de pesquisa, o pesquisador deve fazer uso de linguagem que seja capaz de estabelecer um contato entre público e protagonista da ação focando no estreitamento das relações entre os atores sociais.

Ainda sobre o papel do pesquisador, Silva (2013) esclarece que o antropólogo não determina verdades, não aponta equívocos, não pergunta porque as coisas são diferentes. Ele ouve e procura entender quais são as verdades para aqueles “nativos”,

quando e porque se enganam e muitas vezes se surpreende se perguntando porque as coisas na sua sociedade são diferentes. Ou seja, cada grupo analisado exige cuidados e premissas distintas.

Seguindo com os esclarecimentos a respeito da função do pesquisador, Silva (2013) expressa que a aceitação da subjetividade, no entanto, não deve ser confundida com engajamento. Neste caso o pesquisador transforma-se em porta voz do grupo. Produz não um conhecimento científico, mas um discurso ideológico. Encara a relação intersubjetiva não como uma forma de aproximação que permite desvendar sentidos ocultos, mas como uma relação política que conduz ao denunciamento.

Dessa maneira, a pesquisa etnográfica foi realizada com a cautela necessária para que pudesse existir o mínimo de interferência possível, respeitando os valores e vivências de cada entrevistado e visando o melhor proveito do trabalho em questão. As visitas foram realizadas nos dias 7 e 8 de outubro de 2017 na comunidade cigana do Rancho de Baixo, na cidade de Sousa, Paraíba.

Para facilitar nossa análise optamos por subdividir os relatos em três subtópicos principais. São eles: a cultura, a religião e a mulher cigana.

1. A Cultura

A cultura cigana é mencionada por Costa (*apud* Siqueira 2012, p. 54) como sendo uma “cultura esponja”, na medida em que seus membros absorvem parte dos modos culturais dos povos das regiões nas quais residem (seja em um regime nômade, seja no sedentarismo), o que faz com que cada comunidade tenha características diferentes uma da outra. Nossa pesquisa focou em apenas uma parte do grupo de ciganos de Sousa, o Rancho de Baixo, e só pode servir de parâmetro para este grupo em específico.

Os ciganos de Sousa abandonaram o nomadismo a cerca de 30 anos, mas alguns mais antigos ainda lembram dos velhos tempos e dos estigmas vividos por carregar o sangue cigano. Cícero Romão Batista, 61 anos, relembra que:

“Antes de chegarmos aqui em Sousa a gente vivia pelo mundo, vivia arribado, andando para cima e para baixo. Passamos por Paus dos Ferros, Uiraúna, Bonito de Santa Fé, Itaporanga, Conceição, Piancó, Patos... tanta cidade que não consigo nem contar. Passávamos poucos dias em cada cidade. Tinha muita gente que não gostava da nossa presença, principalmente as autoridades por acharem que dávamos prejuízo ao lugar”. (BATISTA, 2017)

Fotografia 1: Moradia encontrada no Rancho de Baixo



Crédito: Mateus B. Araújo

Por onde andam os ciganos são taxados pela população das cidades onde levantam seus acampamentos como “bandidos”, “pedintes”, “arruaceiros”, “pistoleiros” e as mulheres como “prostitutas”. A chefia do Rancho de Baixo, João Viana de Alencar (Elaide), 67 anos, descreve em poucas palavras o sentimento de impotência e rancor diante do tratamento sofrido, “desculpe a palavra, mas cigano é visto feito merda”.

Fotografia 2: Cigano João Viana de Alencar (Elaide)



Crédito: Mateus B. Araújo

Os festejos, as danças, o ato de cozinhar no chão (trempe), as jóias e os dentes de ouro, a chefia e a língua cigana (chibi) são alguns dos traços culturais que ainda se mantém dentro da comunidade de Sousa.

Fotografia 3: Trempe (aro de ferro para apoiar panelas sobre o fogo)



Crédito: Alessandra Clementino

Com relação à linguagem, como o Calon é uma língua ágrafa, ou seja, uma língua que não tem ou não admite escrita, não tem alfabeto, e por isso, não há documentos escritos na sua língua, não existem registros escritos de seu conteúdo e os ciganos não ensinam sua língua a ninguém que não seja cigano ou casado com um membro da comunidade. O misticismo, incluindo a cartomancia e a leitura de mãos, aos poucos vem se perdendo por causa da conversão de boa parte dos ciganos ao catolicismo.

No ano de 2009 foi criado o Centro Calon de Desenvolvimento Integral (CCDI), o primeiro centro de referência cigana do país, com o intuito de preservar e promover a cultura. O empreendimento não chegou a durar sequer um ano por falta de investimentos do governo, e até mesmo, falta de interesse da comunidade cigana que parece ter se acostumado com a exclusão a qual foram impostos. O único curso que teve dentro das instalações foi ainda durante o ano de 2009, um curso de dança regional nordestina. O lugar hoje se encontra abandonado, entregue aos cupins, infiltrações e poeira.

Fotografia 4: Centro Calon de Desenvolvimento Integral



Crédito: Mateus Araújo

Em seu caminhar pela história, os ciganos se constituíram como um povo que se relacionou com o lugar e o tempo de forma particular, a seu próprio modo, ou seja, eles não possuíam um sentimento de pertença a modalidades fixas da sociedade sedentária. Dessa maneira, eles nunca se viram de fato enquadrados dentro de uma nação e de suas estruturas (ANDRADE JÚNIOR, 2013). Não foi fácil para os ciganos se relacionarem com uma sociedade que os via e tratava como invasores, criminosos e vagabundos. A solução encontrada, principalmente para os grupos que se fixaram em um local, foi a que presenciamos na cidade de Sousa: adaptação. A realidade dos ciganos no Rancho de Baixo é a de um povo que ao longo dos anos acabou se vendo obrigado a assimilar os costumes e cultura da cidade sertaneja na busca de garantir sua permanência e a de suas famílias na região, numa tentativa de sobreviver dentro de uma sociedade que não os deseja.

2. A Religião

Envoltos numa aura de misticismo e segredos, os ciganos são vistos no imaginário popular como indivíduos pagãos ou associados a magias e poções do amor, cujas práticas são vistas como nocivas à ordem pública. Segundo Nascimento e Garcia Júnior (2017, no prelo), muitos são os que ainda praticam “rituais simbólicos de devoção à lua ou aos arquétipos da natureza: ar, terra, água, fogo” (p.2). Contudo, por trás das cartas

do baralho cigano e da bola de cristal, o povo cigano não professa uma religião, sendo mais comum que eles adotem a denominação predominante nos espaços em que se fixam, o que faz com que a própria religiosidade desse grupo se torne multifacetada.

“Hoje, 60% dos ciganos são evangélicos”. É com estas palavras que Danyella Calim, 24 anos, jovem cigana, moradora do Rancho de Baixo, nos recepciona quando questionamos sobre a religião cigana. Os que não seguem a religião evangélica se converteram ao catolicismo (é muito comum a presença de imagens de Padre Cícero nas moradias do rancho). As novas religiões têm feito com que muitos ciganos abandonem o misticismo e a cartomancia.

A cigana Risoleta, é uma dessas mulheres que se converteram para a religião evangélica e afirma que só lia a sorte das pessoas “por questão de necessidade”, mas que não passava de uma grande mentira. Hoje Risoletta prefere pedir dinheiro nas ruas.

Pudemos perceber também certa desinformação dos ciganos com relação às religiões de matriz africana: “Graças a Deus, aqui em Sousa, não tem cigano se misturando com isso. Candomblé, macumba, magia negra, não tem por aqui não”, afirma Danyella Calim. Durante a nossa visita, a única imagem de santo encontrada no local foi a de Santa Sara Kali, a santa dos ciganos.

Ainda de acordo com Danyella, nas comunidades ciganas da Bahia o envolvimento com religiões africanas é uma prática mais comum, reforçando o conceito de cultura esponja dos ciganos.

Fotografia 5: santa Sara Kali, a santa dos Ciganos



Crédito: Alessandra Clementino

3. A Mulher Cigana

Durante os dois dias de pesquisa pudemos colher alguns depoimentos acerca das relações de gênero, principalmente no que se refere ao lugar e as tradições que envolvem a mulher cigana. Nosso foco foi, sobretudo, a fala das próprias mulheres ciganas que apareciam recheadas de várias camadas de estereótipos e, porque não dizer, preconceitos de gênero.

Um fato que nos chama logo atenção é a cerimônia de casamento cigano. A jovem cigana se casa ainda muito nova, entre os 14 e 16 anos. Sobre isso, Danyella relata:

“- A noiva, primeiramente, ela tem de casar virgem.
- Essa tradição permanece?
- Graças a Deus!
- E se acontecer de ela não ser mais virgem?
- Assim, o pai vai ter desgosto, né? Não tem casamento. Se junta logo e vai pra uma casa.
Na escola eu falei que era virgem e o povo mangaram de mim, ficaram rindo da minha cara.” (CALIM, 2017)

Fotografia 6: Danyella Calim



Crédito: Alessandra Clementino

Segundo Danyella, existem homens ciganos dentro da comunidade que tem mais de uma esposa, mas o mesmo cenário parece não se adequar a mulher cigana. Quando

questionada sobre o divórcio, ela brinca ao dizer que “não existe divórcio entre ciganos, um cigano quando se divorcia já pega logo outra mulher”. Quanto a mulher cigana, na medida em que ela “já provou sua honra”, é dado a ela o direito de ter um segundo companheiro após o divórcio.

Ao adentrarmos a casa de uma das famílias ciganas nos deparamos com um cenário no mínimo curioso. O lugar, decorado com santos católicos, era espaço de bate-papo entre duas mulheres, a cigana Risoleta, 32 anos, e sua sogra, Dona Iracema. Risoleta estava com uma bíblia evangélica nas mãos e informou que se converteu para esta religião a pouco, mas que seu marido é católico. Segundo ela, eles seguiam dentro de casa os preceitos da religião católica porque “o homem é o cabeça da casa” e seu pastor tinha lhe dito que ela orasse porque “em algum momento ele [o marido] acabaria se convertendo também”.

Figura icônica de nossa pesquisa, por seu jeito incisivo e caricato, a cartomante Rosimery Gomes da Silva, 34 anos, mais conhecida por Madame Rose, falou sobre o significado do que é ser mulher para os ciganos.

“- Porque tem uma diferença.”

- De homem pra mulher?

- É. A diferença é o seguinte: a energia dela é totalmente diferente da sua. (...) Mulher é mais diferente. É mais rigoroso porque a mulher é o seguinte... a mulher é pecadora mais do que o homem pra você que não sabe. Devia ser ao contrário, né? Porque o homem trai, o homem mente, né? Mas a questão é o seguinte... eu vou logo no popular... sabe porque a mulher é mais pecadora do que o homem? A mulher menstrua. A mulher tem filhos, entendeu? A mulher bota o homem em tentação, entendeu? O homem só peca através da mulher. Não é o homem que é pecador. É a mulher que é pecadora.” (ROSIMERY, 2017)

Fotografia 7: Rosimery (cartomante Madame Rose) de Mateus B. Araújo



Crédito: Mateus B. Araújo

Durante consulta com uma das pesquisadoras, do sexo feminino, a cartomante pediu que ela tirasse o chapéu que utilizava no momento para se proteger do sol. Questionada no dia seguinte acerca do motivo, Rosimery relata que não tem como tirar as cartas com alguém de chapéu, mas que não tinha pedido que o outro pesquisador - do sexo masculino - tirasse o boné que usava porque a energia dos dois seria “diferente”:

Durante continuação desse diálogo, percebemos mais uma marca da estereotipização de gênero na descrição da cartomante, quando ela afirma que “existem quatro tipos de mulher. Uma mais expressada, uma outra mais chantagista, uma mais dengosa e a outra pior ainda - que chama a prostituta, que sabe amarrar o homem.” (ROSIMERY, 2017)

A partir da fala dessas mulheres, de faixas etárias diferenciadas, pudemos identificar uma cultura extremamente patriarcal e machista que é reproduzida e reforçada por elas mesmas. Uma cultura onde a mulher cigana é vista como um ser subalterno a figura masculina e sua sexualidade e sensualidade são “sujas” e fontes do “pecado” masculino, numa ligação clara com o mito bíblico, de origem católica, de Adão e Eva. Vale ressaltar que, por causa da heterogeneidade que marca o povo cigano, não podemos ter certeza se esse discurso patriarcal é algo específico da comunidade do Rancho de Baixo de Sousa ou se é uma regra generalizada de sua cultura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A relação do povo cigano com os não-ciganos sempre foi marcada por estereótipos e perseguições. O cigano, com sua vida livre - territorial, economicamente e espiritualmente falando -. é uma marca de resistência contra as normas regidas em nossa sociedade capitalista. Dessa maneira, o cigano se torna perigoso, um pária social cuja presença deve ser jogada de um lado a outro. O histórico de exclusão e repulsa parece ter deixado marcas na comunidade do Rancho de Baixo em Sousa que, por motivos de sobrevivência, se viram na obrigação de absorver as referências culturais e religiosas sertanejas.

Distantes das figuras suntuosas mostradas no cinema, nos livros e nas novelas, os ciganos de Sousa estão perdendo sua identidade cultural a cada dia que passa. A linguagem e os segredos que a permeiam, assim como a estruturação social e parte dos festejos, é o pouco que resta de sua cultura. As falas dos ciganos, mesmo com todo o orgulho de suas origens, muitas vezes se mostram contraditórias com relação a sua própria história.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, João Viana de. **João Viana de Alencar**: Depoimento. [out. 2017]. Entrevistadores: Alessandra Clementino dos Santos e Mateus Bezerra Araújo. Sousa: Rancho de Baixo, 2017. Entrevista concedida para a pesquisa *Da Trempe ao Chibi*: Experiência Antropológica na Comunidade Cigana do Rancho de Baixo em Sousa-PB

ANDRADE JÚNIOR, Lourival. **Os ciganos e os processos de exclusão**. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 33, nº 66, p. 95-112- 2013

BARROS, A.T.de; JUNQUEIRA, R.D. A elaboração do projeto de pesquisa. In: BARROS, A; DUARTE, J. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2006.

BATISTA, Cícero Romão. **Cícero Romão Batista**: Depoimento. [out. 2017]. Entrevistadores: Alessandra Clementino dos Santos e Mateus Bezerra Araújo. Sousa: Rancho de Baixo, 2017. Entrevista concedida para a pesquisa *Da Trempe ao Chibi*: Experiência Antropológica na Comunidade Cigana do Rancho de Baixo em Sousa-PB

CALIM, Danyella. **Danyella Calim**: Depoimento. [out. 2017]. Entrevistadores: Alessandra Clementino dos Santos e Mateus Bezerra Araújo. Sousa: Rancho de Baixo, 2017. Entrevista concedida para a pesquisa *Da Trempe ao Chibi*: Experiência Antropológica na Comunidade

Cigana do Rancho de Baixo em Sousa-PB

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 1989.

MOONEN, Frans. **Ciganos Calon no município de Sousa/PB (1993-2011)**

NASCIMENTO, Robéria Nádia Araújo; GARCIA JÚNIOR, Edmilson Ferreira. **Para além das bolas de cristal e cartas de tarô: sociabilidades e religiosidade do povo cigano**, 2017, no prelo

RISOLETA. **Risoleta**: Depoimento. [out. 2017]. Entrevistadores: Alessandra Clementino dos Santos e Mateus Bezerra Araújo. Sousa: Rancho de Baixo, 2017. Entrevista concedida para a pesquisa *Da Trempe ao Chibi: Experiência Antropológica na Comunidade Cigana do Rancho de Baixo em Sousa-PB*

SILVA, G.M.da. **A construção da notícia sob a ótica etnográfica: contribuições da antropologia para os estudos de jornalismo**, 2013.

SILVA, Rosimery Gomes da. **Rosimery Gomes da Silva**: Depoimento. [out. 2017]. Entrevistadores: Alessandra Clementino dos Santos e Mateus Bezerra Araújo. Sousa: Rancho de Baixo, 2017. Entrevista concedida para a pesquisa *Da Trempe ao Chibi: Experiência Antropológica na Comunidade Cigana do Rancho de Baixo em Sousa-PB*

SIQUEIRA, Robson de Araújo. **Os Calon do município de Sousa-PB: Dinâmicas ciganas e transformações culturais**. Agosto de 2012, Recife-PB.

TEIXEIRA, Rodrigo Corrêa. **História dos ciganos no Brasil**. 2008. 127 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, Núcleo de Estudos Ciganos, Recife, 2008.